

José Miguel Leonardo (Randstad)

“Desde cedo que identificámos o potencial desta competição enquanto ferramenta de desenvolvimento de competências técnicas e comportamentais. No ano passado e tendo em conta a nossa taxa de desemprego considerámos que faria mais sentido dar a oportunidade a desempregados de nos representarem.” P4



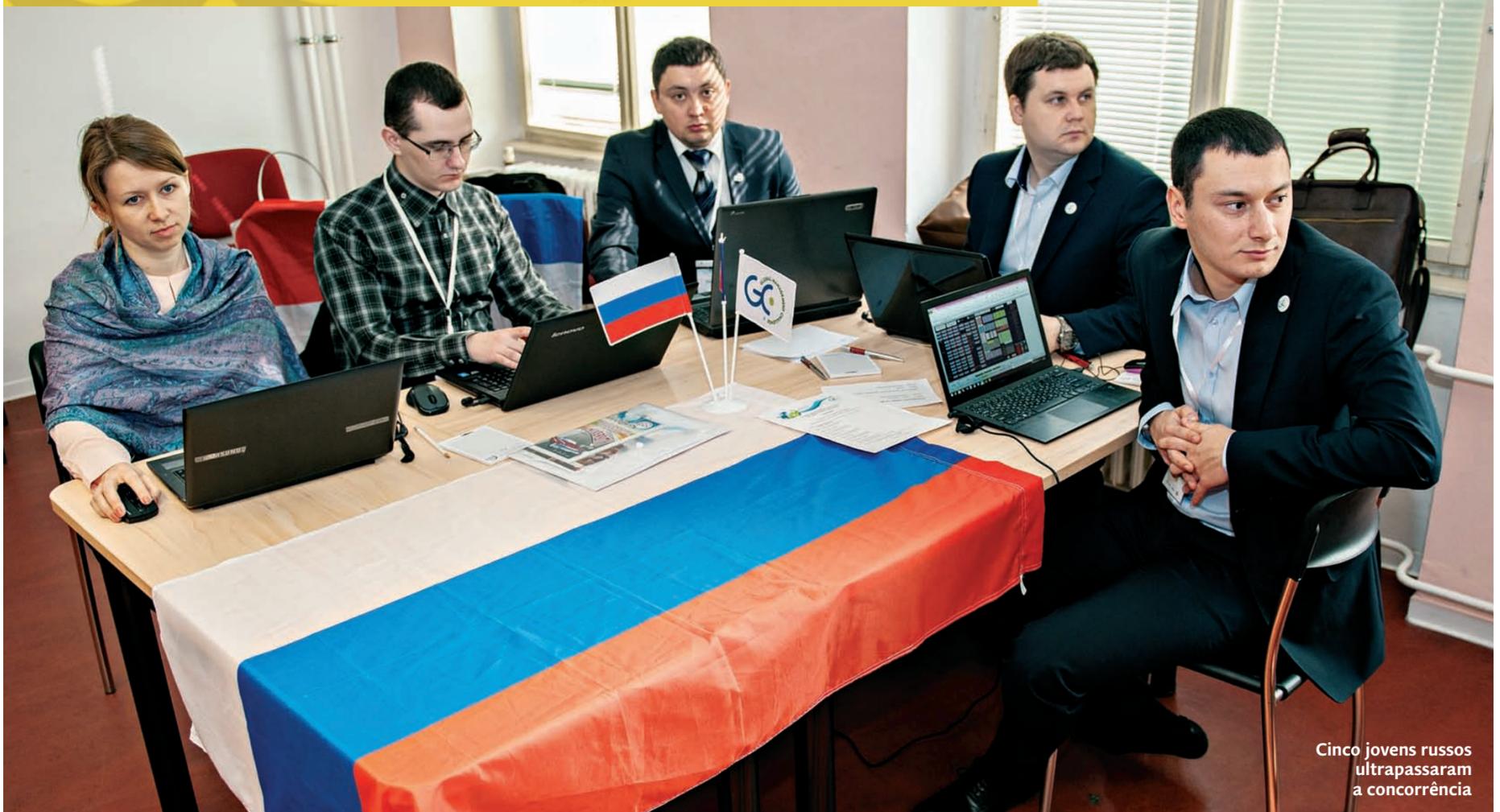
Carlos Maia (Staples)

“A competição retrata valores de liderança, excelência, rapidez, inovação e diferenciação e estes são parte integrante da estratégia da Staples. O trabalho em equipa é outro dos fatores que esta iniciativa reforça e apura, pelo que o Global Management Challenge é, em termos de retorno, um ótimo terreno para se descobrirem novos talentos.” P4



Expresso

Este caderno faz parte integrante do Expresso nº 2218 de 1 de maio de 2015, não podendo ser vendido separadamente



Cinco jovens russos ultrapassaram a concorrência

Rússia vence final internacional de competição de gestão

Ao todo estiveram **22 países** a disputar o título de campeão da edição de 2014

Uma equipa formada por cinco jovens quadros russos sagrou-se campeã internacional do Global Management Challenge 2014. A formação passou por dois dias de competição intensa e provou ser a melhor deste desafio de estratégia e gestão, criado há 36 anos pelo Expresso e a SDG e que já envolveu

meio milhão de participantes em todo o mundo.

A final internacional realizou-se na cidade de Praga, capital da República Checa, entre os dias 22 e 23 de abril e contou com a participação de 22 países. Hong Kong, China, Polónia, Portugal, Turquia, República Checa, Brasil, Estónia, Romé-

nia, Eslováquia, Ucrânia, França, México, Qatar, Rússia, Espanha, Emirados Árabes Unidos, Índia, Quênia, Kuwait, Macau e Marrocos foram divididos em quatro grupos e tiveram de tomar cada um cinco decisões de gestão, ao longo do primeiro dia de prova, o da semifinal.

Para o segundo dia de com-

petição, o da finalíssima, passaram apenas as duas equipas de cada grupo que obtiveram os melhores resultados na semifinal. Portugal não se qualificou nesta primeira etapa, tendo ficado ausente dos lugares cimeiros. Na finalíssima estiveram presentes o Brasil, Polónia, França, Índia, China, Ucrânia,

Macau e Rússia, mostrando que mais uma vez as chamadas economias emergentes, bem como os países do Leste Europeu estiveram em clara maioria. Mais uma vez as equipas tiveram de tomar cinco decisões com o objetivo de obter o melhor desempenho do investimento e provarem o seu valor.



As equipas do Kuwait, Marrocos e Portugal ostentam a bandeira dos seus países durante diferentes momentos da competição

COMPETIÇÃO



Bohuslava Senkyrová e Petr Budinsky, respetivamente reitora e vice-reitor da Universidade de Finanças e Administração de Praga, entidade que organiza a competição na República Checa, com Pedro Alves Costa, da organização internacional (foto grande). Em baixo, uma imagem da semifinal em que estiveram presentes cerca de 100 participantes, e ao lado a equipa brasileira, que obteve o oitavo lugar



A quarta vitória de uma equipa

Pela segunda vez consecutiva, **os russos provaram ser os mais capazes no domínio da estratégia e gestão.** A segunda posição foi alcançada por Macau, e a Ucrânia ficou em terceiro lugar

Textos **MARIBELA FREITAS**

A final internacional da edição de 2014 do Global Management Challenge decorreu entre os dias 22 e 23 de abril na cidade de Praga, capital da República Checa, e a vitória foi alcançada, pelo segundo ano consecutivo, pela equipa da Rússia, país que organiza a competição desde 2006. Esta foi a sua quarta vitória internacional, tornando-se assim um dos concorrentes mais temidos do evento. Tal como no ano passado, também esta equipa vencedora era formada por cinco jovens quadros. Portugal esteve presente em Praga, mas não conseguiu passar da semifinal.

Um estilo defensivo, com preços elevados e redução de custos, foi a estratégia utilizada pela equipa russa. Muito reservados, os cinco jovens pouco falaram do desempenho alcançado, mas já no dia da finalíssima anteviam a obtenção de um bom resultado. Alla Platonova, líder da formação, afirmou na manhã da prova que se estavam “a preparar para todo o tipo de cenários”. Explicou ainda que “esta competição é uma excelente oportunidade para apurar as nossas competências e co-

nhcimentos analíticos, bem como o pensamento estratégico”. Após a vitória, os elementos russos consideraram que este resultado vai ter impacto na sua vida profissional e que vão poder colocar em prática os conhecimentos obtidos durante esta experiência.

Para Vjacheslav Shoptenko, organizador da competição na Rússia, a vitória é o resultado do trabalho desenvolvido. Neste país participam anualmente cerca de três mil equipas, que em nove anos de prova já obtiveram quatro vitórias internacionais. Shoptenko contou em Praga que “o importante é promover cada vez mais o Global Management Challenge na Rússia e ter o máximo de equipas possível, sejam elas de estudantes, quadros ou mistas, porque quanto mais pessoas estiverem envolvidas mais

fortes serão os vencedores nacionais”. Com o intuito de obter os melhores resultados, Vjacheslav Shoptenko criou no país uma comunidade em que os vencedores de edições anteriores treinam as equipas e ajudam-nas no seu desempenho. “É o conhecimento a passar de uma geração para a outra”, frisou.

Competição renhida

Na prova, as equipas têm de gerir uma empresa com o objetivo de obter o melhor desempenho do investimento. Este critério reflete o valor da empresa para os respetivos investidores. Isto não é apenas o valor de mercado da empresa, mas inclui o valor de quaisquer dividendos pagos ou de quaisquer ações recompradas aos investidores menos o custo de quaisquer ações que lhes tenham sido atribuídas. Nos dois dias de competição, os países participantes são divididos no primeiro dia, o da semifinal, em quatro grupos, e os dois melhores passam para o dia seguinte, o da finalíssima. Quem fica para trás não obtém qualquer classificação, e como passam apenas oito equipas à fase final são também oito os lugares cimeiros. Na finalíssima, e além da Rússia, estiveram a disputar esta etapa Polónia, Índia, Brasil, China, Macau, Ucrânia e França. Depois da Rússia, foi Macau quem obteve o melhor resultado, ten-

do atingido o segundo lugar do pódio. Liderada por Io Sio Fong, a formação macaense era mista, constituída por quadros da banca, da indústria do jogo e estudantes. No dia da finalíssima, o líder macaense já tinha a perceção de que não iria ganhar, mas o objetivo era obter o melhor resultado possível, o que se veio a concretizar.

Na terceira posição ficou a Ucrânia. Representada por uma equipa de estudantes de finanças e economia internacional, queriam acima de tudo dar o seu melhor. Yevgeniy Samofal, chefe da equipa, revelou que o histórico da finalíssima com que as equipas tinham de trabalhar era diferente do da semifinal, o que foi uma surpresa para muitos países.

Na alternância entre países do Leste da Europa e Ásia, a China ficou com a quarta posição. Em tempos, este foi um dos países mais temidos, pelas suas constantes vitórias, mas desde 2005 que não ganha internacionalmente. A quinta posição foi preenchida pela Índia, com uma equipa de quadros que já tinha estado presente na final internacional da edição de 2013. A França, que já há alguns anos não entrava na finalíssima, atingiu a sexta posição, sendo a sua equipa formada por duas estudantes. Olga Demina, líder francesa, explicou que “no Global Management Challenge aprende-se a ser um bom gestor”.

A CHINA NÃO VENCE UMA FINAL DESDE 2005 E FICOU NA QUARTA POSIÇÃO



A equipa chinesa ficou na quarta posição, a Polónia em sexto lugar e Macau em segundo (de cima para baixo)



A equipa do Quênia, liderada por Sanjay Gandhi (na foto ao centro), não passou da semifinal

Quênia e Marrocos estreiam-se na competição

As equipas destes dois países africanos estiveram a participar pela primeira vez numa final internacional e não passaram da semifinal

O Global Management Challenge está em plena expansão em África, e Quênia e Marrocos são dois dos mais recentes países que aderiram a esta competição portuguesa. As suas primeiras edições começaram de forma tímida, com apenas algumas dezenas de equipas, mas a ambição dos organizadores é superar este número na segunda edição que vão realizar já este ano.

A primeira edição do Quênia foi mais curta do que o habitual, pois a organização local tinha como objetivo participar na final internacional de Praga. “Integraram o evento 24 equipas e fizemos menos rondas do que o habitual para encontrar o campeão. A segunda edição vai começar dentro de meses e o objetivo é atingir as 200 formações participantes”, explicou Ravi Shah, organizador da prova no Quênia, durante a final em Praga. No país os estudantes mostraram grande interesse por esta iniciativa. Contudo e para

Ravi Shah, os benefícios de competir no Global Management Challenge são extensíveis a universitários e quadros, oriundos de qualquer área de formação, desde a contabilidade à engenharia. Acredita que “tal como um simulador de voo ensina a pilotar, a prova treina para os negócios, independentemente da área. Permite trabalhar em equipa, desenvolver competências e interagir com outras pessoas, dentro e fora do país. No caso das empresas constituiu-se ainda numa boa formação para os seus quadros e permite-lhes, se for o caso, recrutar talentos”, salientou.

Pressão da semifinal

Sanjay Gandhi, líder da formação do Quênia, sentiu diferenças entre a preparação da sua equipa para a final internacional face aos restantes países. Formada por quadros de uma empresa produtora de especiarias, os membros desta formação trabalham na área financeira, vendas e marketing. Na semifinal integraram o grupo vermelho onde figurava também a Índia, Kuwait, Macau e Marrocos. Ce-

deram à pressão da competição e não passaram à finalíssima, tal como Marrocos também não atingiu essa etapa. Bakr Slitine, chefe da equipa marroquina formada por estudantes de engenharia. Durante a semifinal contou que “o que nos atraiu no Global Management Challenge foi poder participar num jogo de negócios que está relacionado com o que estudamos”. Quando ao nível da final internacional, confidenciou que estava a ser um pouco diferente da final do seu país.

Bruno Fuchs está a organizar a competição em França e Marrocos. A primeira edição marroquina contou com 93 equipas, angariadas em apenas dois meses, mas o objetivo é ter mais formações no futuro. Revelou em Praga que neste mercado apenas participaram universitários. Na sua opinião esta é uma excelente iniciativa para preparar os jovens marroquinos para o mercado de trabalho, uma vez que neste país os recrutadores privilegiam na hora de contratar quem tem experiências formativas no estrangeiro e é importante para os jovens do país integrar esta iniciativa internacional.



rusa

A sétima posição da tabela classificativa foi preenchida por mais um país do Leste, a Polónia. Em oitavo lugar ficou o Brasil. José Gabriel Couto, membro da equipa brasileira, dizia na finalíssima que estava a lutar por representar bem a língua portuguesa mas que existiam nesta etapa outras línguas mais fortes. Na sua perspetiva, e para um brasileiro, a maneira de fazer negócios é diferente da europeia. “Todos os competidores são muito agressivos, mas nós, no que respeita a negócios, apostamos mais na realização de acordos, e todos os outros países são mais analíticos, utilizam mais os números, e é um pouco complicado negociar com eles”, explicou. Couto acredita que, neste desafio internacional, mais importante do que as competências técnicas que se adquirem são as

comportamentais, obtidas através do relacionamento humano e do contacto com outras pessoas e culturas.

Como já foi dito, a equipa portuguesa, formada por estudantes e quadros, não passou da semifinal, etapa em que competiu com a China, Polónia, Hong Kong, Turquia e República Checa. João Gonçalves, líder português, ficou surpreendido com o resultado — é que, até à quarta decisão, a equipa nacional estava a ter um bom resultado. Mas na última decisão tudo mudou e Portugal foi ultrapassado pela China e Polónia, que disputaram a finalíssima. “As equipas de Leste e asiáticas são muito fortes nas últimas decisões”, afirmou João Gonçalves. A sua equipa investiu bastante em marketing e no desenvolvimento dos produtos, mas no final não conseguiu ser bem-sucedida.

A República Checa organizou pela primeira vez uma final internacional do Global Management Challenge. Petr Budinsky, vice-reitor da Universidade de Finanças e Administração de Praga, entidade responsável pela organização da prova nesta parte do mundo, revelou que este foi um evento importante para o país e para a instituição de ensino superior que representa. É que tanto a Universidade como a República Checa tiveram oportunidade de se promover perante comitivas de 22 países.

mfreitas.externo@impresa.pt

O BRASIL GARANTIU A PRESENÇA DA LÍNGUA PORTUGUESA NOS LUGARES CIMEIROS

Macau acolhe final internacional de 2015

O território chinês vai receber pela quinta vez este evento que vai contar com a presença de cerca de 30 países

Depois da cidade de Praga, na República Checa, é a vez da Região Administrativa Especial de Macau receber pela quinta vez as comitivas dos mais de 30 países, espalhados pelo mundo que integram o Global Management Challenge. O evento vai receber os campeões de 2015 e realiza-se em abril do próximo ano.

Nesta parte do mundo a prova é organizada pela Macau Management Association. Tommy Lau, membro deste organismo, explica que “temos uma longa história de contacto com o mundo ocidental e as comitivas dos diversos países podem ver o que ficou da presença portuguesa, bem como os edifícios tradicionais chineses, templos e a nossa cultura”.

Quanto à final internacional o objetivo da organização local é superar as finais já realizadas e quer que as equipas não só tenham tempo para competir, como também para desfrutar

do território. É que Macau tem estado em pleno desenvolvimento nos últimos anos com a sua economia centrada na indústria do jogo e anualmente surgem novas construções, casinos e locais de entretenimento. O certo é que a diversidade impera neste território e ao visitante — e chegam milhares todos os anos — não faltam locais de interesse para visitar.

A competir desde 1996

O Global Management Challenge chegou a Macau em 1996 e de lá para cá tem vindo a crescer o interesse por esta iniciativa. Só na edição de 2014 participaram quase 200 equipas. “Nos últimos três anos temos tido mais participantes oriundos de universidades o que se deve ao bom relacionamento que temos com as diversas

Em Macau os universitários têm aderido em força ao Global Management Challenge

instituições de ensino superior”, conta Tommy Lau. Contudo, a banca tem vindo também a interessar-se por este desafio de estratégia e gestão e tem participado com algumas formações.

Na final internacional de Praga a equipa macaense ficou em segundo lugar e era formada por estudantes e quadros oriundos da banca e da indústria do jogo. O organizador macaense acredita que as equipas mistas são uma boa combinação, uma vez que juntam os conhecimentos dos estudantes à experiência de trabalho dos profissionais. Tomando como exemplo o que aconteceu nesta final internacional, comprova-se que as formações que conjugam estudantes e quadros conseguem obter bons resultados.

Para Tommy Lau provas como o Global Management Challenge funcionam como um treino de gestão. “Permite aos participantes utilizarem os seus conhecimentos académicos e muitos estudantes encontram aqui o cenário com que irão trabalhar no mundo real. Aprendem ainda a lidar com diferentes cenários”, finaliza.

PROTAGONISTAS

Carlos Maia Vice-presidente do canal de retalho da Staples Europa analisa este desafio português

“A prova testa limites e estimula a competência”



Carlos Maia é um entusiasta desta iniciativa criada pelo Expresso e a SDG
FOTO LUÍS FAUSTINO

A Staples é uma das empresas que há mais tempo está ligada em Portugal ao Global Management Challenge. Carlos Maia, na qualidade de diretor-geral da Staples Portugal, acompanhou a competição durante vários anos e continua a fazê-lo no cargo que atualmente ocupa, o de vice-presidente do canal de retalho da Staples Europa. Acredita que esta é uma iniciativa única em Portugal e no mundo, com o qual a multinacional se identifica, por partilharem valores como o trabalho em equipa e a inovação.

Na perspetiva de Carlos Maia, “a prova testa limites e estimula a competência, algo com que a Staples se identifica e crê ser fundamental no mundo profissional. Esta competição coloca os participantes a pensar de forma prática e estratégica, faz com que tomem decisões, compreendam as diferentes áreas de uma empresa e adquiram uma certa flexibilidade e dinamismo”. Foi por isso que a multinacional se sentiu

atraída por este projeto, sendo sua patrocinadora há doze anos. Na avaliação que faz a esta iniciativa de estratégia e gestão que já envolveu meio milhão de pessoas em todo o mundo, Carlos Maia explica que “a competição retrata valores de liderança, excelência, rapidez, inovação e diferenciação e estes são parte integrante da estratégia da Staples. O trabalho em equipa é outro dos fatores que esta iniciativa reforça e apura, pelo que o Global Management Challenge é, em termos de retorno, um ótimo terreno para se descobrirem novos talentos”.

Apoio aos estudantes

Ao longo dos anos de patrocínio a Staples tem vindo a apoiar a participação de equipas de estudantes na prova. Um apoio que se inscreve na sua ótica de responsabilidade social e vontade de desenvolver capacidades nos jovens, num país em que a taxa de abandono escolar

é ainda elevada. “A nossa responsabilidade social corporativa enquanto empresa passa por demonstrar a importância que atribuímos à estabilidade económica, ao bem-estar social e à sustentabilidade do ambiente, de forma transparente e baseada em factos, trabalhando em colaboração com os nossos parceiros para criar maior consciencialização e desenvolver capacidades”, frisa o vice-presidente do canal de retalho da Staples Europa.

Apoiar equipas de estudantes é uma solução que beneficia tanto estudantes como empresas. É que para Carlos Maia, a prova é altamente prática e orientada para objetivos claros e definidos, através da qual os estudantes podem aprender e retirar muitas experiências, desenvolver capacidades ao nível do planeamento e pensamento estratégico, ao nível da inteligência emocional, resiliência, visão e capacidade de decisão. “O Global Management Challenge é sem dúvida

uma ‘montra’ de talentos, onde empresas e estudantes partilham conhecimento, trocam experiências, demonstram capacidades, vontades e se trazem perfis muito mais do que numa entrevista de trabalho”, salienta. As empresas estão atentas e sabem os profissionais que querem para os seus quadros. Daí que Carlos Maia revele que “numa competição como esta, onde o melhor dos concorrentes vem ao de cima, as contratações acabam por ocorrer de forma muito natural. Acreditamos ainda que competir a um nível internacional na área de que se gosta e na qual se quer trabalhar, ou já se trabalha, faz com que as possibilidades de carreira cresçam exponencialmente ao número de países onde esta iniciativa está presente”.

Conselhos às equipas

A edição de 2015 começa dentro de dias. Com larga experiência da área da gestão,

“

O Global Management Challenge é sem dúvida uma ‘montra’ de talentos, onde empresas e estudantes partilham conhecimento, trocam experiências e demonstram capacidades

Carlos Maia aconselha as equipas que vão competir a não subestimarem a concorrência e a aprenderem sempre. Devem evitar o egoísmo ou vontade de sobressair individualmente, a mania das grandezas, a falta de respeito pelo pensamento dos outros, o não ouvir com atenção e pensar que podem dominar todas as variáveis. “O que conta numa empresa é o todo e não os gostos e as vontades individuais. O senso comum, não é assim tão comum como se pensa, pelo que nunca assumam nada à partida como fácil ou difícil ou até impossível”, afirma. A atitude e a tentativa e erro devem ser estimulados e as pessoas que entram no mundo do trabalho têm de ousar, atrever-se a assumir riscos e a experimentar diferentes soluções, processos e mecanismos, sem medo das consequências. “O pior inimigo da excelência é pura e simplesmente o carreirismo e anulação da nossa identidade e pensamento”, finaliza Carlos Maia.

José Miguel Leonardo Diretor-geral da Randstad Portugal, acredita no potencial formativo desta iniciativa

“A competição contribui para a empregabilidade”

O mundo do trabalho é a área onde a Randstad Portugal atua. José Miguel Leonardo, diretor-geral da empresa, na análise que faz ao Global Management Challenge, destaca a sua capacidade de desenvolver competências técnicas e comportamentais e de estimular a empregabilidade entre os participantes.

A Randstad Portugal faz parte do universo de dez empresas que patrocinam esta competição criada há 36 anos pelo Expresso e a SDG. Nos primeiros anos de apoio à inscrição de equipas optaram por formações internas e de clientes. Contudo, recentemente mudaram de estratégia e iniciaram uma parceria com o Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) onde apoiaram e vão continuar a apoiar conjuntamente, também na atual edição de 2015, equipas formadas por desempregados.

“Desde cedo que identificámos o potencial desta competição enquanto ferramenta de desenvolvimento de competências técnicas e comportamentais. No ano passado e tendo em conta a nossa taxa de desemprego considerámos que faria mais sentido dar a oportunidade a desempregados de nos representarem e desta forma valorizámos as competências

“

O Global Management Challenge baseia-se em modelos muito próximos da dinâmica dos mercados, acentuando a importância de compreender o sector

de pessoas em transição indo ao encontro da nossa estratégia de empregabilidade”, conta José Miguel Leonardo. Estas equipas são constituídas tendo em conta a área de competência, a zona geográfica e carta de motivação. No processo de seleção é ainda valorizado o tempo de desemprego do candidato. “É uma tentativa conjunta entre a Randstad Portugal e o IEFP de contribuir ativamente para a empregabilidade de desempregados”, salienta.

Prova mostra a realidade

Para José Miguel Leonardo “o Global Management Challenge baseia-se em modelos muito próximos da dinâmica de mercados, acentuando a importância de compreender o sector, a concorrência e acima de tudo de ter uma estratégia sustentada, baseada numa equipa com pessoas de alto desempenho.



José Miguel Leonardo explica que a participação neste desafio é uma mais-valia curricular FOTO NUNO BOTELHO

Esta é também a realidade da Randstad a nível mundial, que pretende contribuir para o desenvolvimento do mundo do trabalho em todos os mercados onde atua”.

Quem integra uma equipa neste desafio tem de, na opinião do diretor-geral da Randstad Portugal, lutar por objetivos comuns o que intensificará as relações entre os vários elementos, ao mesmo tempo que são desafiados ao nível das ferramentas de decisão e estratégias de mercado. Por isso acredita que na prova são trabalhadas não só competências técnicas, como também de relacionamento interpessoal.

No caso das equipas de desempregados, José Miguel Leonardo defende que os participantes não só se valorizam a nível pessoal, como também passam a ter um elemento curricular que comprova o interesse em estar ativo.